

154

**A JOANA D'ARC DE ROBERT BRESSON.** *Clarissa de Lourdes Sommer Alves, Cybele Crossetti de Almeida (orient.) (UFRGS).*

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Imagens de Joana d’Arc: Cinema, História e Literatura”, coordenado pela professora Cybele Crossetti de Almeida. Dentro deste projeto se insere a análise do filme “O Processo de Joana d’Arc”, do diretor francês Robert Bresson, de 1962. Este diretor tem uma concepção peculiar de cinema, a começar pela negação do próprio termo, já que identifica seu trabalho como “cinematógrafo”. Ele chama seus atores de “modelos” – os quais eram na maioria das vezes não-profissionais - e chega a negar a representação. Utiliza poucos recursos em cenário, figurino e interpretação e trabalha incessantemente para que seus modelos usem sempre o mesmo tom de voz e quase nenhuma expressão corporal, levado o espectador a uma sensação de angústia ao esperar uma reação que não acontece. O filme é baseado nos autos do processo de Joana d’Arc, aos quais busca ser historicamente fiel. O diretor utiliza o processo para criticar o momento presente: Joana era totalmente leal à igreja do céu, mas não foi submissa ao poder da igreja militante ao defender suas convicções, e por isto foi submetida a um julgamento injusto, no qual o principal objetivo era fazê-la entrar em contradição. O filme lida com as possibilidades de ação de indivíduos comuns perante instituições maiores, que muitas vezes são injustas, mostrando que o episódio de Joana é sempre atual. Neste sentido se aproxima da interpretação de Dreyer no clássico “A paixão de Joana d’Arc”, de 1928, igualmente baseado em seu processo e execução. A análise proposta por nosso projeto, feita a partir do levantamento de obras cinematográficas, literárias e historiográficas, tem como principal objetivo mostrar que as variadas interpretações da figura de Joana d’Arc podem estar intimamente ligadas às orientações políticas e sociais de quem as concebeu.